

HAIM ANGEL CARASSO

(Tel Aviv, Israel, 1930; S. Paulo, Brasil, 2020)

por

ALEXANDRE ANGEL CARASSO¹

(S. Paulo, Brasil, 1955)



Haim Angel Carasso. Genebra, 18 de agosto de 1917.



Alexandre Angel Carasso, filho de Haim Angel Carasso, durante entrevista para a equipe Arqshoah. S. Paulo, 6 de setembro de 2018.
Acervo: Arqshoah/Leer-USP.

¹ Entrevista concedida por Alexandre Angel Carasso a Maria Luiza Tucci Carneiro. S. Paulo, 6 de setembro de 2018. Equipe História Oral Arqshoah: Rachel Mizrahi e Ester Regina Neistein. Vídeo: Renata Vernareccia. Transcrição: Rebeca Paixão Moura. Transcrição: Rachel Mizrahi e Maria Luiza Tucci Carneiro. Iconografia: Nanci do Nascimento. Pesquisa complementar: Blima Lorber e Tucci Carneiro.

Minhas raízes greco-sefaraditas

Meu nome é Alexandre Angel Carasso, de origem sefaradita, e nasci em S. Paulo em 1º de setembro de 1955, na Maternidade S. Paulo. Sou filho de Haim Angel Carasso e de Maria Wiktorya Carasso. Meu pai nasceu em Tel Aviv, então sob o mandato britânico, em 15 de abril de 1930, filho de Angel Carasso (1887-1971), natural de Salônica (Grécia), e Doudoun Carasso (1898-1959), meus avós paternos. Meu pai tinha três irmãs: Esther Carasso, Miryam Saporta e Mathilde Recanati.

Meus bisavós paternos eram Haim Carasso, que nasceu em Salônica em 1º de abril de 1853 e faleceu em Tel Aviv em 29 de dezembro de 1948, então com 95 anos, e sua esposa Miriam-Dudon Luna Carasso, também nascida em Salônica em 1860 e falecida em Tel Aviv-Yafo em 17 de março de 1940, com 79-80 anos. Ela era filha de Haim Angel e Haia Angel, sendo mãe de Moshe Carasso, Angel Carasso, Rivka Yahiel e Esther Montecchio.



Tel Aviv, cidade natal de Haim Angel Carasso.
Google Maps.

Haim Angel Carasso e Alexandre Angel Carasso

A família Carasso tem suas raízes na Espanha,^A passando por Bellinzona, uma comuna ao sul da Suíça italiana que faz fronteira com Monte Carasso e outras comunas.^B Os Carasso estabeleceram-se em Salônica, hoje a segunda mais importante cidade da Grécia, e antes pertencente ao Império Otomano.^C



Vista do porto de Salônica, cidade de residência da família Carasso desde o século XIX, tendo ao fundo a Torre Branca. Fotografia: George Lykidis, 1920. Disponível em: <http://thessaloniki.photos.vagk.gr/el/component/tags/tag/28-1920-1929.html>. Acesso em: 30 set. 2020.



Salônica, vista do porto à Torre Branca. Fotografia: George Lykidis, 1920. Disponível em: <http://thessaloniki.photos.vagk.gr/el/component/tags/tag/28-1920-1929.html>. Acesso em: 30 set. 2020.

A- A expulsão dos judeus da Espanha se deu pelo Decreto de Alhambra, também conhecido como Édito de Granada e Édito de Expulsão. Foi um decreto régio promulgado pelos reis católicos, Isabel I de Castela e Fernando II de Aragão, ordenando a expulsão ou conversão forçada da população judaica da Espanha, e levando à fuga e dispersão dos sefarditas (judeus ibéricos) pelo Magrebe, Médio Oriente e sudeste da Europa. Foi escrito por Juan de Coloma, o secretário real, e assinado em Alhambra, Granada, em 31 de março de 1492.

B- Bellinzona é uma comuna da Suíça, no cantão Ticino (*Tessin* em alemão e em francês) com cerca de 17 mil habitantes. Durante o período romano era chamada de Bilício (Bilitio). A língua oficial é o italiano. Confina com as comunas de Arbedo-Castione, Giubiasco, Gorduno, Monte Carasso, Pianezzo e Sant'Antonio.

C- Salônica ou Thessaloniki (em grego: Θεσσαλονίκη) é também familiarmente conhecida como Tessalônica ou Salonika, com mais de um milhão de habitantes em sua área metropolitana. Localizada no Golfo de Salônica, a noroeste do Mar Egeu, foi fundada em 315 a.e.c., passando pelo jugo dos impérios Helênico, Romano, Bizantino e Otomano. Em 1912, Salônica deixou de ser turca após a conquista da cidade pelo Exército grego, ocorrendo assim a helenização forçada da cidade. Muitos judeus procuraram abrigo em países relacionados com os seus antepassados portugueses, austríacos ou espanhóis. O consulado luso em Salônica autorizou a emissão de certificados provisórios de nacionalidade mediante prova documental da respectiva ancestralidade, acolhendo 300 famílias, dentre as quais: Angel, Amariglio, Almosnino, Abravanel, Benveniste, Barzilai, Covo, Cohen, Florentin, Levy, Molho, Misrahi, Nahmias, Pardo, Pinho, Segura, Saltiel, Strumza, Toron e Uziel.

Os judeus sefaraditas têm uma presença marcante em Salônica, cuja história pode ser conhecida pelas suas várias sinagogas.^A Em Salônica, a família alcançou certa importância na municipalidade, onde atuaram no centro comercial “*stoa* Carasso”, que ainda existe.^B No século XIX, um primo do meu avô, da família Carasso, chegou a ser prefeito ou conselheiro



Isaac Carasso (ao centro) no porão de sua casa na Rua dos Anjos em Barcelona, berço da primeira exploração comercial de iogurte. Barcelona, 1919. Disponível em: <https://alchetron.com/Isaac-Carasso>. Acesso em: 4 out. 2020.



Salônica, após o grande incêndio que desalojou cerca de 55 mil pessoas no bairro judeu em 18 de agosto de 1917.^C

A- A presença dos sefaraditas em Salônica pode ser revelada por meio da história das sinagogas locais identificadas de acordo com as regiões de origens das famílias que, desde o século XV, foram expulsas de Portugal e Espanha por serem judias. Essa diversidade reflete as divergências nos rituais de culto e as rivalidades entre as famílias, assim como as concorrências no mundo dos negócios. Assim, foram construídas em Salônica as seguintes sinagogas: Lisboa Yachan (antiga Lisboa, 1510), frequentada pelas famílias Afias, Benforado, Benveniste e Eskaloni; Lisboa Haddach (nova Lisboa); Beth Aharon (1575), de galegos, frequentada pelos Abravanel, Alvo, David e Saporta; Évora, pelos Altaras Ergas, Bivas, Maloro, Pinto, Ovadia, Attias, Rouvio e Amarillio; a de Portugal, pelas famílias Atias, Perera, Medina, Melo, Ferreira, Antunes, Raphael, Pereire, Paraira, Arari, Rangel, Miranda, Boueno, Hernández, Pera, Pérez, Pinto, Preciado, Santo e Vilar; a da Galiza era frequentada pelas famílias Cassouto, Pardo, Saragoussi, Toledano, Franco, Avayou, Israel, Leal, Sadoc, Zadoq, Cadoc, Cadoche, Cadoches, Cados, Kados, Cadosch, Kadosh ou Qadosh. Os sefaraditas espanhóis, catalães ou vindos da Península Itálica também tinham os seus próprios templos, chamados Aragon, Castilha, Catalão, Itália ou Sicília. Cf. Judeus galego-portugueses de Salônica. Questom Judaica, 21 set. 2015. Disponível em: <http://questomjudaica.blogspot.com.br/2015/09/judeus-galego-portugueses-de-salonica.html>. Acesso em: 10 out. 2020.

B- O centro histórico de Salônica é dividido em vários distritos, localizados ao redor do ponto mais central da cidade, a Praça Aristotelous. Os distritos são: Ladadika, Kapani, Diagonios, Navarinou, Rotonda, Agia Sofia e Hippodromio. Os vários *stoas* (centros comerciais) ao redor da Praça Aristotelous são nomeados a partir do passado com os sobrenomes de personalidades históricas da cidade, como o *stoa* Hirsch, *stoa* Carasso/ Ermou, Pelosov, Colombo, Saul (Modiano), Morpurgo, Mordoch, Simcha, Malakopi, Olympios, Emboron, Rogoti, Vyzantio, Tatti, Karipi etc.

C- Fotografia não identificada. Disponível em: <https://www.sfarad.es/el-gran-incendio-de-tesalonica/>. Acesso em: 20 ago. 2020.

da prefeitura da cidade de Salônica. Emmanuel Carasso (1862-1934) era um advogado otomano, membro dos Jovens Turcos e um dos pioneiros do movimento maçônico dentro do Império Otomano.^A

Um primo de Emmanuel Carasso chamado Isaac [Ishak] Carasso (1874-1939) e seu filho Daniel Carasso (1905-2009) – membros do mesmo ramo sefaradita radicado na Salônica otomana – foram os fundadores do Grupo Danone, cujo famoso iogurte foi vendido inicialmente na Espanha e depois na França e Estados Unidos.^B



Daniel Carasso (1905-2009) posa no 90º aniversário da Danone.

Paris, 2 de abril de 2009. Fotógrafo: Jacques Demarton/AFP. Faleceu em 17 de maio de 2009, aos 103 anos. *El Mundo*, Paris, 18 de maio de 2009. Obituário disponível em: <https://www.elmundo.es/elmundo/2009/05/18/obituarios/1242667147.html>.

Acesso em: 4 out. 2020.

A- Emmanuel Carasso [Karasu] (1862-1934), advogado judeu radicado em Salônica, foi membro proeminente da loja maçônica “Risorta da Macedônia” e da loja judaico-maçônica “Benei Berit”. É comumente citado como um dos fundadores do movimento Jovens Turcos (Neo-turcos) que derrubou o Império Otomano, sendo um dos três homens que anunciaram ao sultão Abdul Hamid II que ele havia sido destronado. Tornou-se assim o confidente de Talat Pash, figura responsável pela lei de deportação e mentor do genocídio armênio, que fugiu para o exterior em 1918. Os Jovens Turcos proclamaram uma República em abril de 1911 e, em 1915, removeram os armênios da Anatólia. Carasso, membro da Ottoman Freedom Society e, mais tarde, do Union and Progress Committee (UPC), tornou-se presidente dos representantes de Salônica no Parlamento Otomano.

B- Isaac Carasso (1874-1939), membro também da família sefaradita radcada na Salônica otomana, deixou seu legado como o inventor do iogurte e, posteriormente, da marca “Danone”. Em 1912, preocupado com as guerras balcânicas e a aproximação das tropas gregas, mudou-se com sua esposa Esther e os filhos Flor, Juana e Daniel, para Barcelona, retornando para *Sefarad*, sua terra natal (Espanha). Ao perceber que as crianças pequenas sofriam de problemas digestivos e intestinais, fez experiências com o leite azedo baseado na propriedade do *jaurt* que conhecera em suas viagens ao norte da Bulgária. Em Lausanne iniciou, a título experimental, a produção de *jaurt* que os pastores búlgaros lhe ensinaram fazer. No final de 1919, inspirado no trabalho de Ilya Ilych Mechnikov, importou culturas da Bulgária, que foram isoladas no laboratório de Mechnikov no Instituto Pasteur em Paris. Em 1929, seu filho Daniel, com formação em bacteriologia pelo Instituto Pasteur, ingressou na empresa e aperfeiçoou o processo industrial de fabricação de iogurte, que passou a ser vendido na França e nos Estados Unidos (1942). Assim nasceu o *Groupe Danone*.

Ainda pelo lado paterno, somos aparentados com a família Recanati, sendo Daniel Recanati casado com Mathilde Recanati, irmã do meu pai.^A Enfim, era tudo muito fechado, sendo todos muito conservadores. Entre eles, a mulher sempre teve um papel subalterno. Na família do meu pai ocorreram vários casamentos entre primos para, justamente, tudo ficar em família, uma questão preocupante que nos remete às doenças surgidas pela proximidade consanguínea.

A família do meu avô paterno sofreu perseguição antissemita na Grécia, na época do Império Otomano. Eles ainda estavam em Salônica quando ocorreu um *pogrom** durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), e também quando os judeus da cidade passaram pelo grande incêndio de 1917 que deixou cerca de 55 mil desalojados.^B Por esta razão, a família Carasso – tanto meu tio-avô Moshe quanto meu avô – saíram da Grécia para Israel, quando Tel Aviv ainda estava em construção. Até então a família estava muito bem estabelecida em Salônica, com boa situação financeira.



Mãe e filhos em fuga após o incêndio que destruiu o bairro judeu de Salônica. The Post Standard, Fotografia não identificado.^C

A- O Museu Nacional de Ciência, Tecnologia e Espaço (MadaTech) em Israel foi fundado com o auxílio da família Recanati em memória de Daniel e Mathilde Recanati. Daniel Recanati nasceu em Salônica em 1921, e chegou com sua família a Israel em 1935, onde faleceu em Tel Aviv em 1984. Por mais de 25 anos Recanati presidiu o banco fundado por seu pai Leon Recanati, contribuindo muito para a economia israelense, promovendo o desenvolvimento de indústrias e tecnologia assim como o ensino superior em Israel. Mathilde Recanati, da família Carasso, nasceu em Tel Aviv em 1927 e faleceu em 1986. Trabalhava na promoção de instituições de saúde e enfermagem, dedicando seu tempo e esforço no trabalho contínuo da comunidade em Israel. Saiba mais em: <https://www.madatech.org.il/en/daniel-and-mathilde-recanati>. Acesso em: 10 out. 2020.

B- Em 1917 houve um grande incêndio na cidade que atingiu todo o bairro judeu [que ficava na área portuária] e desalojou 55 mil residentes. Como ali existiam numerosas construções de madeira, o bairro ardeu por inteiro. Em consequência desse ocorrido, meus avôs maternos ficaram desabrigados, assim como milhares de outros judeus. Foi um enorme impacto para eles, pois o fogo propagou-se rapidamente. Poderia ser um incêndio criminoso? Não se sabe! A comunidade judaica – impedida de reinstalar-se na mesma região – adquiriu uma grande área mais afastada, que durante a Primeira Guerra Mundial serviu de caserna e hospital dos exércitos aliados, garantindo, assim, a sua presença na cidade.

C- Disponível em: <https://app.emaze.com/@ALWIWWQI/great-fire-of-thesaloniki-1917#5>. Acesso em: 30 set. 2020.

Depois que a família do meu pai saiu de Salônica, restaram apenas alguns parentes na Grécia que, em 1941, foi invadida pelos nazistas.^A Vários deles foram presos e/ou mortos no Holocausto. Creio que hoje temos apenas alguns primos distantes. Quando saíram de Salônica, eles largaram praticamente tudo, e agora, meus primos que retornaram a convite do governo municipal, estão tentando recuperar alguns desses bens. Basicamente o núcleo principal da família estabeleceu-se em Israel, onde meus pais lutaram na Guerra de Independência em 1948. Meu pai manteve a cidadania grega, conseguindo assim tripla cidadania.

A- Em 9 de abril de 1941, os alemães entraram em Salônica e lançaram as primeiras medidas antijudaicas. Meses mais tarde, os judeus foram levados para um gueto e, em 15 de março de 1943, partiu o primeiro comboio com destino a Auschwitz-Birkenau, na Polônia. Em poucos meses, de março a agosto, ocorreu a deportação de quase toda a comunidade judaica de Salônica. No total, mais de 48 mil judeus foram deportados e menos de dois mil voltaram. Salônica tornou-se, depois de mais de 450 anos de vida sefardita, um lugar “livre de judeus” (*Judenrein*), segundo a ideologia nazista.

Minhas raízes judaico-polonesas-israelenses

Minha mãe, Maria Wiktorya Secemski Carasso, representa aqui o meu lado askenazita. Ela nasceu em Łódź, (Polônia), no dia 15 de janeiro de 1930, filha de Aharon Artur Kleinman e Bianca Secemski. Meu pai faleceu em S. Paulo em 11 de abril de 2020. Meu avô Artur era de Lviv/Lwów (Lemberg), do Império Austro-Húngaro, área bastante conturbada durante as duas guerras mundiais. Em 1936, meus avós maternos (ambos nascidos na Polônia) foram para Israel, fugindo do forte antissemitismo na Europa, quando minha mãe tinha apenas 3 anos de idade.

Na época de se transferirem para Israel, minha avó Bianca Secemski era muito jovem, com 20-21 anos, e meu avô Artur Kleinman tinha um pouco mais de 27-28 anos. Bianca (cujo nome judaico é Blima) casou-se com Artur em Łódź em 1928. Seu pai, Mendel, morreu em 1929, e a mãe, Guitel



Fryderyk (Fryc) Kleinman, irmão de Artur Kleinman, preso no gueto e transportado para o campo em Janów, onde provavelmente morreu no outono de 1943. Autorretrato em papel sépia, s.d. Art Lviv Online. Disponível em: <https://art.lviv-online.com/fryc-kleinman/>. Acesso em: 4 out. 2020.

(Gitla), em 1930. Eles tomaram essa decisão para tentar sobreviver, ainda que parte da família em Łódź – ou seja, um tio e um rabino, muito conhecido nessa cidade chamado Gerrer [?] – não quiseram sair da cidade. A família do meu avô era mais religiosa e composta por pessoas culturalmente avançadas, sendo ligadas à arte, leitura, música e pintura. Muitos eram artistas: meu avô, um bom pianista, e seu irmão, Fryderyk (Fryc) Kleinman (1897-1943), um pintor renomado radicado em Lviv.^A

Infelizmente, perdemos quase toda a família na Shoah*, restando apenas duas pessoas: uma tia da minha avó, que também acabou indo para Israel, e o Cuca, primo da minha

A- Fryderyk Kleinman nasceu em 1897 em Lviv/Lwów, na Polônia, filho de Zygmunt K. e Rosa Tiefenbrunner. Ele se formou no ginásio real em Lviv, e participou da Primeira Guerra Mundial. Depois estudou em Cracóvia, Viena e Paris, retornando para Lviv, onde passou a trabalhar como pintor e artista gráfico. A partir de 1926 também dedicou-se à cenografia, e entre 1926-1927 produziu fantoches para o Teatro Semafor, desenhou trajes para “Golem”, encenado pelo grupo amador em Stanisławów. Tornou-se assim um colaborador permanente do teatro judaico em Lviv, criando decorações e trajes como, por exemplo, para o teatro de Ida Kamińska. Como pintor assinava suas obras como Fryc Kleinman, sendo adepto da corrente cubista, cujos quadros fazem parte do Museu de Arte na Polônia. Depois que os alemães entraram em Lviv, ele foi preso no gueto, transportado para o campo em Janów, onde provavelmente morreu no outono de 1943, conforme registro na Base de Dados do Yad Vashem (ID 8782708); WILSKI, Zbigniew. *Słownik biograficzny teatru polskiego 1900-1980*. Warszawa: Wydawn, Naukowe PWN, 1994, vol. II.



Fryderyk (Fryc) Kleinman, sem título. Art Lviv Online.
Disponível em: <https://art.lviv-online.com/fryc-kleinman/>.
Acesso em: 21 ago. 2020.

mãe, que emigrou para a França. Meu avô Artur Kleinman pressentiu, em 1936, que se não tomasse uma decisão algo muito sério poderia acontecer com sua família na Polônia. Neste momento, Hitler já havia assumido o poder na Alemanha e a Polônia estava ameaçada de ser invadida. A invasão já estava em processo. Meus avós, casados e com filhos pequenos, aceleraram a decisão de se mudarem, além de estarem envolvidos em um programa de imigração que envolvia vários amigos. Minha tia, irmã da minha mãe, já havia se mudado anos antes, influenciando ainda mais na decisão de deixar a Polônia e emigrar para a Palestina. Eram pessoas esclarecidas e com boa formação. Meu avô falava muito bem o inglês, o que lhes facilitou a permanência em Eretz Israel*, que estava sob o Protetorado Britânico, tanto que chegou a trabalhar no governo em atividades burocráticas.

Meu pai, Haim Carasso, nasceu em Tel Aviv em 15 de abril de 1930, sendo o caçula de quatro irmãos, entre os quais três meninas. Em Israel lutou na Guerra de Independência em 1948.^A Em 1950, casou-se com Maria Wiktorya Secemski, que passou a assinar Carasso, sendo ele sefardita e ela askenazita. Foram para a Inglaterra, onde fizeram curso superior: minha mãe na área de Humanas e meu pai na Faculdade de Engenharia. Lá permaneceram por quase cinco anos, sendo meu pai contratado como estagiário por uma empresa inglesa. Em 1953, ele foi convidado para trabalhar no Brasil, uma terra nova, desconhecida, mas com grandes possibilidades.

O Brasil com opção

Vieram para o Brasil em datas e navios diferentes: os meus pais Maria Wiktorya e Haim Carasso, e os meus avós maternos Bianca Kleinman e Aharon Artur Kleinman. Meu pai, Haim Carasso, viajou a bordo do vapor Augustus, com visto de turista concedido pelo consulado-geral do Brasil em Genebra em 17 de agosto de 1953. Desembarcou em Santos, pela primeira vez, em 30 de setembro de 1953, hospedando-se na Rua Itaguaba, 65. Assim, ia e voltava a Israel, onde a família mantinha negócios. A partir dessa data, meu pai visitou o Brasil várias vezes, trazendo tecnologia de suspensão e amortecedores para a fabricação de automóveis no país. Mais especialmente para a empresa Auto Três Leões, dirigida por Abraham Kasinsky (1917-2012)^B e outros da comunidade judaica de S. Paulo.

Minha mãe veio depois, a bordo do vapor Giulio Cesare, viajando com visto de turista concedido pelo consulado-

A- Guerra da Independência (em hebraico: מלחמת העצמאות) ou Guerra da Liberação (מלחמת השחרור) é assim denominada pelos israelenses, sendo também conhecida como guerra árabe-israelense de 1948. É considerada pelos palestinos como parte de *Al-Nakba* (em árabe: النكبة), isto é, “A Catástrofe”. O conflito começou em 15 de maio de 1948, logo após a declaração de independência de Israel e terminou após os vários acordos de cessar-fogo entre israelenses e árabes, firmados entre fevereiro e julho de 1949. A guerra foi um desdobramento da Guerra Civil na Palestina Mandatária (1948-1947), sendo declarada pelos estados árabes, que haviam rejeitado o Plano da ONU de Partilha da Palestina (Resolução 181 das Nações Unidas), segundo o qual a Palestina, ainda sob mandato britânico, seria dividida em um Estado árabe e um Estado judeu.

B- Abraham Kasinsky nasceu no Brás (SP) em 11 de julho de 1917, filho de Leon Kasinsky, imigrante russo que vendia enxovais e que depois montou a Auto Três Leões, um misto de revendedora de peças de automóveis e posto de gasolina que ficava na Avenida Celso Garcia, no Brás. Leon morreu em 1941 e, entre 1945-1950, Abraham viveu nos Estados Unidos. Ao retornar, fundou a Companhia Fabricadora de Peças (Cofap), que começou a operar em setembro de 1953 e tornou-se a maior fábrica de autopeças da América do Sul. Em 2000, com 82 anos, Abraham criou em Manaus a fábrica de motos Kasinsky, adquirida recentemente pelo grupo chinês CR Zongshen. Faleceu em S. Paulo em 9 de fevereiro de 2012.

Haim Angel Carasso e Alexandre Angel Carasso

3 REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Haim Carasso
Admitido em território nacional em caráter TURISTA
Nos termos do art. 72 letra a) do dec. n.º 7967, de 1945
Lugar e data de nascimento Tel-Aviv, 15/ABR/1930
Nacionalidade israelita Estado civil casado
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Angel Carasso e Doudoun Carasso
Profissão estudante
Residência no país de origem Tel-Aviv

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n.º 26538 expedido pelas autoridades de Embaixada de Israel, London na data 24/JUN/1953
visado sob n.º 238

Assinatura do portador: Sergio M. Cordeiro da Lago
Vice-Cônsul

Consulado Geral do Brasil em Genebra
17 de agosto de 19 53
O CONSUL: [Assinatura]

NOTA—Esta ficha deve ser apresentada à autoridade imigratória, sendo, se não for, devolvida ao Consulado Geral

T10 REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino

Nome por extenso Maria Wiktorya Carasso
Admitido em território nacional em caráter TURISTA
Nos termos do art. 72 letra a) do dec. n.º 7967, de 1945
Lugar e data de nascimento Lodz, 15/JAN/1930
Nacionalidade israelita Estado civil casada
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Arthur Kleinmann e Bianca Sechemska
Profissão estudante
Residência no país de origem Tel-Aviv

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n.º 21193 expedido pelas autoridades do Ministerio do Interior, Jerusalem na data 23/MAR/1953
visado sob n.º 130

Assinatura do portador: Sergio M. Cordeiro da Lago
Vice-Cônsul

Consulado Geral do Brasil em Genebra
12 de maio de 19 54
O CONSUL: [Assinatura]

NOTA—Esta ficha deve ser apresentada à autoridade imigratória, sendo, se não for, devolvida ao Consulado Geral

Fichas consulares de qualificação de Haim Carasso e Maria Wiktorya Carasso com vistos concedidos pelo consulado-geral do Brasil em Genebra, em 17 de agosto de 1953 e 12 de maio de 1954, respectivamente. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

geral do Brasil em Genebra. Desembarcou no Brasil em 24 de junho de 1954. Tanto minha avó Bianca como meu avô Aharon viajaram com visto concedido pela Legação do Brasil em Tel Aviv, datados de 10 de agosto de 1955 e 14 de fevereiro de 1957, respectivamente.

Em 1954, a Cofap,^A empresa brasileira fundada por Abraham Kasinsky, começou a importar máquinas inglesas, abrindo uma nova frente de empreendimentos. Meu pai foi enviado para S. Paulo para oferecer as máquinas e assistência

A- Cofap é uma empresa do setor de peças automotivas, fundada em 1953 pelo brasileiro, filho de imigrantes russos, Abraham Kasinsky (1917-2012). Chegou a ter 18 fábricas no mundo, 35 mil funcionários e faturamento anual de US\$ 1 bilhão, quando foi vendida em 1998 a grupos internacionais. Assim nasceu a Cofap, marca que pertence à história da indústria de S. Paulo e do Brasil, conhecida pelo slogan “É Cofap, é de confiança”, usado por décadas, e pela propaganda de amortecedores que tinha como personagem um cachorrinho basset. Em 1998 Kasinsky vendeu a empresa para o grupo italiano Magneti Marelli, fabricante de sistemas automotivos. A marca Cofap, e em especial um dos seus produtos, o “amortecedor turbogás”, ficaram muito conhecidos nos anos 1990 pelas peças publicitárias feitas pela Agência W/Brasil.

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino.

Nome por extenso Aharon (Artur) Kleinman
Admitido em território nacional em caráter PERMANENTE
Nos termos do art. 9º letra --- do dec. n. 1794 de 1945
Lugar e data de nascimento Lodz, Polônia, 27-11-1899
Nacionalidade israelense Estado civil casado
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Sigmund e Rosa Kleinman
Profissão funcionário
Residência no país de origem Tel-Aviv, rua Ben-Yehuda, 94.

NOME IDADE SEXO

FILHOS
MENORES
DE 18 ANOS

Passaporte n. 83244, expedido pelas autoridades de Min. Int. do Estado de Israel, na data 7-XI-1955, visado sob n. 104.

ASSINATURA DO PORTADOR: A. Kleinman

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida e rubricada pelo autoridade consular, sendo as duas vias em original.

SELO CONSUL

Legação do Brasil em Tel-Aviv.
14 de fevereiro de 1957.
O CONSUL

REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e à Imigração no porto de destino.

Nome por extenso Bianca Kleinman
Admitido em território nacional em caráter TEMPORARIO
Nos termos do art. 7º letra a do dec. n. 7967 de 1945
Lugar e data de nascimento Lodz, Polônia, 15/5/1908
Nacionalidade israelense Estado civil casada
Filiação (nome do Pai e da Mãe) Mendel e Gittel Secemski
Profissão doméstica
Residência no país de origem Tel-Aviv, Ben Yehuda St. 94.

NOME IDADE SEXO

FILHOS
MENORES
DE 18 ANOS

Passaporte n. 68204, expedido pelas autoridades de Min. Int. do Estado de Israel, na data 15 outubro 1954, visado sob n. 281.

ASSINATURA DO PORTADOR: B. Kleinman

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida e rubricada pelo autoridade consular, sendo as duas vias em original.

SELO CONSUL

Legação do Brasil em Tel-Aviv.
10 de agosto de 1955.
O CONSUL

Fichas consulares de qualificação de Aharon Artur Kleinman e Bianca Kleinman Carasso com vistos (permanente e temporário) concedidos pelo consulado-geral do Brasil em Genebra, em 14 de fevereiro de 1957 e 10 de agosto de 1955, respectivamente. Acervo: Arquivo Nacional/RJ; Arqshoah/Leer-USP.

técnica para a Cofap, fundada no ano anterior.^A Depois de implantar o equipamento, meus pais acabaram ficando no Brasil. Ainda que com a Cofap ele trabalhasse com peças de suspensão e amortecedores, meu pai se impôs no mercado com a importação de peças para carros importados. Depois, ele abriu aqui sua própria empresa de representação de peças de automóveis importados. Hoje, com 88 anos, ele tem uma empresa importadora de peças, que atua principalmente na

A- A Cofap é uma empresa do setor de peças automotivas, fundada em 1955 pelo brasileiro, filho de imigrantes russos, Abraham Kasinsky. Em 1998, Kasinsky vendeu a empresa para o grupo italiano Magneti Marelli, fabricante de sistemas automotivos. A marca Cofap e em especial um dos seus produtos, o “amortecedor turbogás”, ficaram muito conhecidos nos anos 90 pelas peças publicitárias feitas pela Agência W/Brasil.

área de câmbios automáticos e peças para carros Mercedes. Até bem pouco tempo antes do seu falecimento em maio de 2020, aos 90 anos, meu pai estava muito bem, com uma cabeça boa e tranquila. Infelizmente nos deixou, se poder ver sua história publicada na Coleção *Vozes do Holocausto*.

Eu e minha irmã Ashley acabamos nascendo aqui em S. Paulo. Formei-me em Engenharia na Escola Politécnica da Universidade de S. Paulo, especializando-me na área de TI – Tecnologia da Informação. Durante minha juventude, eu ia na sinagoga Beth-El, na Rua Avanhandava, onde a maioria dos frequentadores era askenazita, como as famílias Klabin, Lafer, Feffer etc. etc. Minha avó fazia *gefилte fish* e adorava comida europeia, mas gostava também da árabe, mais oriental. Enfim, eu gosto das duas, conseguindo absorver um pouco das duas culturas. Hoje, acho que essa divisão askenazita/sefaradita está se tornando mais tênue. Tenho três filhos, uma menina e dois meninos, e três netos. Minha filha Larissa Andréa Carasso (agora Kac), casou-se com um askenazita, Denis Kac, sendo hoje uma profissional reconhecida em consultoria e assessoria jurídica.

Por parte da família aqui em S. Paulo, na década de 1990, resolvemos estabelecer um museu judaico, cujo projeto começou a ser pensado na Escola Renascença, da qual eu era diretor. Baseado em exemplos de museus judaicos de Berlim, Nova York e outros, fomos agregando pessoas, dentre as quais Rachel Mizrahi e Nachman Falbel. Depois de um longo período de crises econômicas e outras dificuldades, conseguimos instalar o museu na antiga sinagoga Beth-El, na Rua Avanhandava. Fiz parte da primeira diretoria e hoje sou conselheiro, ajudando da mesma forma.

Sempre procurei conhecer minha história e saber de onde venho, daí o meu interesse por questões de genealogia. Estou em contato com Guilherme Faigenboing, grande estudioso de genealogia no Brasil, e com Jacques Carasso, meu primo que vive na França, um estudioso em Sorbone – Universidade de Paris – sobre questões genealógicas. Em Israel, minha família sefaradita foi sempre atuante e subsidiou a Faculdade de Arqueologia da Universidade Hebraica de Jerusalém em busca das nossas raízes familiares. Na Suíça existe uma cidade chamada Carasso, que cheguei a visitar, no cantão de Bellinzona, próximo a Lugano e do Lago de Como. Um outro primo, Shlomo Carasso, localizou numa sinagoga de Toledo o nome da família em período anterior à Inquisição.



A família Carasso no Brasil. A partir da esquerda: Alexandre Angel Carasso e sua esposa Amália segurando o nenê André, Haim Angel Carasso, Ashley, Maria Wiktorya, Larissa Andréa e Arthur (em primeiro plano). *Brit Milá** de André, S. Paulo, fevereiro de 1994. Acervo: Carasso/SP; Arqshoah/Leer-USP.



A família Carasso no *Bar Mitzvá** de André, filho de Alexandre e Amália Carasso. Jerusalém, setembro de 2018. Acervo: Carasso/SP; Arqshoah/Leer-USP.

Diante de toda essa história deixo minha mensagem às futuras gerações: é muito importante conhecer a própria história. A História judaica é rica, uma somatória de tantos anos, de tantos costumes. Tenho muito orgulho de ser judeu e de identificar-me como judeu, pois temos história. Não sou nada religioso, mas acho que a tradição é muito importante para a história de qualquer ser humano.

O legado da família Carasso

A história de vida aqui contada por Alexandre Angel Carasso pode ser considerada como o protótipo de uma família judia que, em diferentes tempos e espaços, viveu a condição diaspórica. Esta categoria, da Diáspora, vem sendo utilizada para a descrição deste fenômeno que há séculos marca o deslocamento do povo judeu no exílio. As experiências vivenciadas pelas famílias de Haim Angel Carasso e Maria Wiktorya Secemski Carasso, pais de Alexandre Angel Carasso, exemplificam os impactos do antissemitismo e da ocupação nazista nos países de acolhimento destas famílias judias, enraizadas na Grécia, Polônia, Israel, França, Espanha e Brasil.

Os movimentos dos Carasso, Kleinman e Secemski nos ajudam a refletir sobre a capacidade de (re)criação e (co)existência dos judeus nas sociedades hospedeiras. Atuando em *locus* distintos – no caso Salônica (Grécia), Tel Avi-Yafo (ainda sobre o protetorado Britânico), Barcelona (Espanha) e S. Paulo (Brasil) – suas histórias representam os múltiplos caminhos trilhados pelo povo judeu na Diáspora. Em síntese, como muito bem definiu Marta Topel, essas trajetórias nos remetem a uma “mistura de exílios” marcados por dois eventos referenciais: o Holocausto e a criação do Estado de Israel. [TOPEL, 2015, p. 331-352; BHABHA, 1994]

Através da narrativa de Alexandre Angel Carasso, nascido no Brasil, conseguimos recuperar o principal fio da memória que une os judeus na Diáspora: o judaísmo. Entrelaçado no decorrer dos séculos por diferentes gerações, este fio forma uma trama cujo estreitamento se dá graças aos laços intra e intercomunitários que unem cada um dos judeus espalhados mundo afora. Enquanto porta-voz da história de sua família, Alexandre recupera o distanciamento imposto aos judeus e cristãos-novos desde a Espanha onde, através de um contato pacífico com os mouros, os hebreus passaram a ser chamados de “sefardins”. O deslocamento forçado pela violência inquisitorial e pelo regime absolutista de Portugal e Espanha, levou a família Carasso até a antiga Salônica, onde criaram raízes, estimuladas pelo convívio e laços de solidariedade.

Na Salônica otomana, a figura de Emmanuel Carasso ou Emanuel Karasu (uma “turquificação” de seu nome, que significa “água negra”) merece aqui nossa atenção. Nascido

em Salônica em 1862, advogado otomano e membro proeminente da família Carasso, tem seu nome ligado ao movimento dos Jovens Turcos, além de projetar-se como pioneiro do movimento maçônico dentro do Império Otomano. Presidia a loja maçônica “Risorta da Macedônia” em Salônica, um dos pontos de encontro para simpatizantes dos Jovens Turcos, incluindo Talat Pasha. Emmanuel Carasso é também citado pela historiografia como um dos primeiros membros não muçulmano da Ottoman Freedom Society, que mais tarde se tornou parte do Union and Progress Committee (UPC). Quando este comitê chegou ao poder, Carasso se tornou o deputado de Salônica no parlamento otomano, trabalhando para a cooperação de várias organizações judaicas na Turquia. Insistia em considerar que os judeus turcos eram primeiro turcos e depois judeus, expressando assim seu patriotismo antes da identidade judaica. Ele foi membro da comissão que negociou o tratado que colocou fim à guerra ítalo-turca e da comissão para internacionalização da cidade de Salônica. Ao perder o apoio de Atatürk, Emmanuel buscou exílio na Itália, falecendo em Trieste em 1934. Está enterrado no cemitério judeu em Arnavutköy, em Istambul.

Os Carasso permaneceram em Salônica até o momento que o prenúncio de tempos difíceis forçou-os a retornar ao centro cultural e espiritual do povo judeu: o Estado de Israel. Com os vínculos ainda frágeis em Israel, optaram por retomar suas andanças em busca de novas oportunidades, desta vez de forma voluntária em direção ao continente sul-americano: o Brasil.

Simultaneamente, a história dos Kleinman e Secemski nos remete aos hebreus askenazitas, que migraram para o leste da Europa, especificamente para a Polônia, um dos epicentros da violência genocida nazista. Simbólico destas fugas é o encontro em terras de Israel de Haim Angel Carasso, proveniente de Salônica, e Maria Wiktorya Secemski, de Łódź. Histórias cruzadas que nos ajudam a reconstituir fragmentos de um legado espalhado pelos quatro cantos do mundo. Na bagagem de todos eles, a experiência do exílio e da reconstrução identitária, desta vez no Brasil.

Texto de Maria Luiza Tucci Carneiro